
O globo terrestre sem vida

Os esforços da época da "Aufklaerung" no sentido de tirar às diferenças sociais seu caráter imutável de coisa instituída pela vontade de Deus, e substituir-lhes uma igualdade "conforme a natureza", constituem tão somente uma parte dum plano muito mais vasto e arrojado, que aspira a libertar definitivamente o pensamento universal de qualquer idéia relativa ao nume, livrando-o, ao mesmo tempo, do medo primitivo.

No seu "De rerum naturae", já escrevera, Lucrécio, o discípulo de Epicuro: "O medo domina todos os mortais, somente porque observam, na terra e no céu, muitas coisas cuja causa não podem penetrar. Acreditam assim que tal sucede em virtude do arbítrio divino".

Foi mister que se passassem, após, quasi dois milênios para que o pensamento se atrevesse a sondar realmente as causas de tôdas as coisas na terra e no céu e assim abandonasse a crença no arbítrio divino. Não é, pois, somente à imaginação dos povos primitivos entregue ao temor dos demônios que a marcha do universo aparece como a ação de forças impenetráveis e perigosas; mas também a cristandade, muito embora convicta da onicência divina, pressentia por detrás de cada acontecimento, um enigma misterioso, apavorante, inacessível à Razão.

Quando São Crisóstomo, para sondar o universo, contempla o "abismo infinitamente profundo da Sabedoria divina", logo "uma vertigem e medroso assombro dêle se apoderam". Os místicos da Idade-Média compartilham de sorte idêntica: Sempre que sua alma "é violentamente acometida pela contemplação divina", sentem êles "tamanha dôr na sua fraqueza, que tôda a força e a respiração desfalecem, bem como às vezes a consciência e o espírito, como se um pêso desmedido e obscuro os premesse, tal é o seu sofrimento, e ao mesmo tempo são esmagados por uma angústia mortal a ponto de que su'alma prefere a tudo a morte, como lenitivo e alívio".